

O Ensino do Conteúdo Dança na 5^a e 6^a Série do Ensino Fundamental a Partir da Dança Folclórica e da Dança de Rua

Daiane Grando¹

Ilma Célia Ribeiro Honorato²

Resumo

O presente estudo partiu da necessidade de investigação das práticas pedagógicas de ensino do conteúdo dança nas aulas de Educação Física, com objetivo de oportunizar a inserção deste a partir das configurações das danças folclóricas e das danças de rua. Para tal investigação recorreremos ao método qualitativo com o pressuposto de compreender a realidade nela inserida, utilizando da pesquisa ação por permitir atuarmos enquanto sujeitos inseridos no processo. Constatamos que as possibilidades metodológicas de ensino do conteúdo dança, são

Abstract

The present study started from the investigation needs about the pedagogical practices of teaching the subject dance in the Physical Education, the objective was to give opportunity to the insertion of dance from the perspectives and configuration of folk dance and street dance. In order that, the qualitative method was taken into consideration as a methodology to cover the issue of understanding the participants reality inserted on that. The action research was also used to allow the researchers act as participants inserted in the process. It was observed that the methodological possibilities of teaching such subject

1 Graduada em Educação Física Licenciatura pela Faculdade Guairacá de Guarapuava – PR.

2 Docente do Departamento de Educação Física da Faculda Guairacá – PR. Aluna do Programa de Mestrado em Educação da Universida Estadual de Ponta Grossa – PR (UEPG).

aquelas que partindo da realidade do aluno valorizam o potencial criativo e espontâneo do mesmo.

Palavras-chave: Dança; Educação Física; Metodologia.

of the dance were those one's which taken as assumption the students' reality valuation, as well as, their creativity and spontaneous potential.

Key words: Dance; Physical Education; Methodology.

Considerações iniciais

O presente artigo é resultado de reflexões e discussões sobre o conteúdo Dança nas aulas de Educação Física, pois, observamos certa acomodação no ensino da Dança no que se refere à busca de novas metodologias que motivem o aluno a praticá-la. O desafio foi propor reflexões sobre o ensino da Dança, novas formas de trabalho e maneiras de atuação do educador de acordo com o contexto de sua escola.

Tivemos também como intuito o aprofundamento na análise das metodologias aplicadas para o ensino da Dança no ciclo de iniciação a sistematização do conhecimento, mais especificamente nas 5ª e 6ª séries do ensino fundamental. Assim focamos nos conteúdos específicos Dança folclórica e Dança de rua - o caso específico do Break.

Nesse sentido, abordamos a dança como conteúdo nas aulas de Educação Física considerando

as capacidades e limitações de cada sujeito e assim aprimorando também seu vocabulário motor. As propostas desenvolvidas no estudo visaram o desenvolvimento da criatividade, autoconfiança, cooperação e da espontaneidade dos alunos.

Desta forma buscamos compreender quais as possibilidades metodológicas do ensino do conteúdo Dança Folclórica e Dança de Rua nas 5ª e 6ª séries do Ensino Fundamental e a partir de tais configurações oportunizamos a inserção desse conteúdo nas aulas de Educação Física e apresentando possibilidades de ensino do mesmo por meio da metodologia da Cultura Corporal³

Apontamentos históricos da dança

Ao analisarmos a vida de qualquer civilização, podemos perceber que a dança é uma das mais antigas manifestações humanas, traduzida em linguagem gestual

3 A Cultura Corporal representa as formas culturais do movimentar-se do ser humano historicamente produzida pela humanidade [...] (SOARES et al, 1992).

ultrapassa gerações e está presente em nosso cotidiano, analisando sua história é possível conhecer costumes e hábitos de uma sociedade. A dança não era utilizada apenas como movimentação corporal, mas como ligação entre o homem e seus deuses. Para Rangel (2002) as evidências de que a dança acompanha o homem desde o período pré-histórico, foram verificadas através das marcas e pinturas deixadas nas cavernas, rochas, paredes, vasos e pertences domésticos. Encontramos os primeiros registros sobre a Dança no período paleolítico em que “A dança imitava os passos dos animais com o fim de atraí-los ao perímetro de tiro e simula também seu acasalamento, para que se multipliquem as espécies” (OSSANA, 1988, p. 43).

Neste contexto Rangel nos mostra que no período Neolítico:

[...] A dança passa a ser uma forma de adoração aos espíritos, de culto aos mortos em substituição a magia e a feitiçaria, isto é, as cerimônias religiosas tinham papel predominante, sendo que a execução das atividades dançantes eram relegadas apenas ao sexo masculino (2002, p. 35).

Neste período percebemos que a dança era executada apenas pelas mulheres, esse pequeno relato de sua história nos mostra que as

raízes do preconceito existente em relação aos homens praticarem a Dança vem do passado e mesmo com as diversas transformações ocorridas em nossa sociedade, este ainda é um problema que existe na atualidade. Bregolato também relata que:

O homem que ainda não falava se utilizou do gesto rudimentar para expressar suas emoções num ritmo natural. A dança na vida do homem primitivo tinha muito significado, porque fazia parte de todos os acontecimentos de sua vida: nascimento, casamento, mortes, caça, guerras (onde exibiam lutas), iniciação a adolescência, fertilidade e acasalamento (eróticas), doenças, cerimônias tribais, vitórias, paz, sementaria, colheita, festas do sol e da lua (2000, p. 73).

Assim, sons e instrumentos eram utilizados para acompanharem os movimentos, para isso utilizaram tambores, cabeças esvaziadas e cheias de sementes ou pedrinhas, flautas de bambu ou até mesmo estalando os dedos, batendo palmas e os pés no chão. Dançavam em grupo em forma de círculo com todos executando os mesmos movimentos, dançavam também em colunas e na formação onde um guia vai à frente conduzindo os demais (BREGOLATO, 2000)

Percebemos então, a dança nesse passado longínquo, como fruto da necessidade de expressão e comunicação humana, de forma que:

[...] as qualidades de movimentos da dança primitiva repousam em movimentações e não apenas em mero divertimento. Parece ser parte integrante de sua vida social, uma ação espontânea, no sentido de auto-expressão e comunicação. O primitivo, quando dança, trabalha seu corpo, brinca, fala, reza; o movimento consiste numa forma harmônica total onde o corpo flui como modo de pensar, sentir, agir e re-agir [...] (NANNI, 2003, p.99).

A dança para o homem primitivo significava mais do que um simples divertimento, ela fazia parte de todos os momentos de sua vida, fossem eles de alegria ou tristeza. Dançar para a humanidade nessa época era utilizar do corpo para expressar sentimentos, pensamentos, ações e reações, ou seja, o corpo se liberta a expressão de tal forma que os movimentos estabelecem relações e é possível interagir com o mundo.

A dança dos camponeses, que se originou dessas danças primitivas baseadas em rituais, evoluiu como formas espontâneas de coreografias e como integração sociocultural, partindo da necessidade de

se relacionarem e de se reunirem com seu grupo ou comunidade (NANNI 2003). A partir dessas relações de integração surgiram as danças populares, fortalecendo esse senso comunitário e utilizando do movimento rítmico de expressão lúdico-religiosa para agradecer, festejar e suplicar.

Considerando as danças populares como uma evolução das danças rituais, verificamos que a mesma deixou um pouco de lado a religiosidade que lhe deu origem e se fortaleceu popularmente, isso facilitou para que mais tarde surgissem novos tipos de dança, como as danças da corte e as danças cortesãs. Com isso, a dança foi se separando de certos aspectos da vida do homem e se transformou num trabalho de arte ao se integrar à vida da sociedade (NANNI, 2003).

A autora referencia que com sua evolução a dança se desenvolveu de forma padronizada perdendo seu impulso criativo e seu significado, porém ganhando planejamento e organização que fizeram com que fosse usada como espetáculo. Assim a dança se distanciou dos interesses culturais da maioria da população, se voltando para as classes dominantes, isto acabou vindo a se transformar na futura Dança Clássica, em que acabou se aprisionando em aspectos técnicos e rígidos, deixando de lado os movimentos expressivos e criativos.

Assim a dança, deixa de ser um ato espontâneo do homem, pois agora havia uma exacerbação de técnicas as quais delimitavam a liberdade de expressão e de criatividade, para a busca pela perfeição idealista de movimentos, que deviam ser executados com extrema elegância, seguindo as formalidades de cada espetáculo e os interesses das classes dominantes daquela época.

Em meio a esta valorização de técnicas que surge o ballet, que é uma das danças que mais exige de seus praticantes e que valoriza a perfeição e a técnica. Com isso é estabelecida uma nova forma de dança, na qual é deixado de lado o caráter social-comunitário, não preservando a cultura popular de raízes locais regionais e nacionais (NANNI, 2003).

No século XX, aconteceram grandes mudanças no âmbito da dança. Através de Isadora Duncan, considerada criadora da Dança Moderna, abriram novos caminhos, pois Duncan reiterou que “a dança deveria ser instrumento básico para a composição de uma nova ordem social, e desta forma, resgataria seu sentido educacional, como queria Platão” (NANNI, 2003, p.104).

Nesse longo processo de transformações, e com o surgimento destes vários tipos de dança, perceberemos então que por meio da dança moderna de Isadora Duncan é que

se inicia a valorização de seu sentido educacional. Juntamente com vários outros construtores do ensino da dança, ela se tornou um elemento educacional, a qual está presente na escola através da disciplina de Arte e de Educação Física.

A disciplina de Dança foi implantada no Curso de Licenciatura em Educação Física, em 1937, pela professora Maria Helena Baptist de Sá Earp, na antiga Escola Nacional de Educação Física do Rio de Janeiro, hoje Escola de Educação Física e desporto da UFRJ, (NANNI, 2002). A disciplina de dança desde então se faz presente no currículo dos cursos de Educação Física de todo o País, também sendo aos poucos reconhecida como conteúdo da Educação Física escolar.

A partir do breve relato da perspectiva histórica da dança, possuímos segundo Marques (2007) “referências, patamares, solos concretos para problematizarmos, criticarmos e construirmos” reflexões e análises no campo da dança, mais especificamente da Educação Física e é nesse sentido que retrataremos a partir de agora sobre o ensino da dança especificamente no ambiente escolar.

A dança enquanto conteúdo da educação física escolar

A prática da dança na Educação Física deve estar voltada

para a expressão criativa e espontânea, não apenas para a recreação ou para o treino de habilidades motoras. Pensando a dança como conteúdo nas aulas, sabemos que esta, possibilita a educação integral, pois, como processo educacional e capaz de proporcionar uma perfeita formação corporal, um espírito socializador, um processo criativo e o desenvolvimento dos aspectos éticos e estéticos, ou seja, ela é a expressão verdadeira e natural do ser humano NANNI (2002). Devemos então a partir dessa diversidade de contextos e situações conhecer a realidade do aluno para proporcionar a ele um aprendizado significativo levando o mesmo a se reconhecer como elemento integrante e participante da sociedade.

A Dança é o conteúdo responsável por apresentar as possibilidades de superar as diferenças corporais e os limites, é vista como forma de libertação do ser promovendo a expressão de movimentos (PARANÁ, 2008). As Diretrizes Curriculares de Educação Física para a Educação Básica do Estado do Paraná (2008) salienta a importância de desenvolver o conteúdo de modo que não aconteça uma super valorização de coreografias e técnicas sejam elas mecânicas ou corporais, pois estas não levam o aluno a refletir apenas apresentam o “fazer pelo fazer”, “a prática pela prática”.

A abordagem da Dança proposta por essas diretrizes se embasa na perspectiva crítica, ou seja, através do conteúdo devemos problematizar a forma como essa manifestação corporal tem sido usada pela mídia, se apropriando da erotização do corpo e se tornando produto de consumo do público jovem. Seguindo essa perspectiva devemos levar o aluno a compreender características, significados, vertentes e influências que a Dança sofre pela sociedade em geral.

O processo educativo muitas vezes subestima o indivíduo que dança limitando seu potencial a técnicas muito limitadas e precisas, portanto, um trabalho de aprendizagem motora variado, criativo e dinâmico é muito mais atraente produtivo e apaixonante do que horas de repetições previamente programadas, visto que não são apenas os alunos que não evoluem nos aspectos motores, mas também o conteúdo Dança se fragmenta enquanto conteúdo escolar.

Pensando na possibilidade de inserir o conteúdo Dança nas 5^a e 6^a séries do ensino fundamental partindo da realidade do educando é que este trabalho iniciou as ações práticas com as danças folclóricas nos seus aspectos históricos.

Além das lendas, contos, artesanatos, mitos e brincadeiras a Dança é um dos meios utilizados para

preservar a cultura popular, ela mantém as raízes socioculturais de uma comunidade e sua herança folclórica. Ao trabalharmos com a Dança Folclórica na escola, proporcionamos aos alunos o conhecimento das mais diversas manifestações étnicas e culturais, de acordo com as peculiaridades de cada país ou região.

Para Marques (2007), a dança folclórica ao ser transmitida via escola seria uma forma de preservar as raízes culturais brasileiras que estariam sendo esquecidas devido a globalização e aos meios de comunicação de massa. A autora nos mostra que é de suma importância tal resgate, mas enfatiza que este muitas vezes é utilizado pelas escolas de forma ingênua na esperança de combater a fascinação que a mídia exerce sobre os alunos.

Levando em consideração o que nos mostra Marques, percebemos que as danças folclóricas não podem ser vistas pela escola como meio para criticar e desvalorizar as danças da atualidade, mas sim deve ser um conhecimento que passado para o aluno se preocupa em fazer o mesmo entender o passado e o presente, relacionando com seu futuro.

Dando continuidade a idéia de inserção do conteúdo dança a partir da realidade do educando e o aprofundamento em conhecimentos considerados mais distantes da sua realidade - portanto com um

grau de complexidade mais elevado - é que possibilitamos o conteúdo dança de rua mais especificamente o Break como meio de intervenção para com os alunos.

A Dança Break, vinculada ao movimento Hip-Hop é um dos aspectos artísticos e teve suas primeiras manifestações nos EUA, por volta de 1970 como forma de organização social. O Break é uma Dança que teve início juntamente com a guerra do Vietnã, como forma de protesto. Os dançarinos por meio da totalidade de cada passo imitavam por meio de expressão corporal, objetos e instrumentos que causaram deformação física nos soldados, como exemplo o giro de cabeça representando os helicópteros utilizados na guerra.

A origem do break é remota à época de James Brown, no final dos anos 60 e início da década de 70 em Nova York. A origem desse termo "break" possui várias versões, uma delas é referente a música, pois os dançarinos dançavam nos seus Breaks (batidas), através de movimentos acrobáticos e quebrados (VILELA 1998).

Esta arte corporal da cultura *Hip-Hop* é marcada por estilos musicais acompanhados de formas de vestir, está cercada de símbolos, criando uma identidade de grupo perante a sociedade, este estilo com passar do tempo conquistou jovens

de outras classes econômico-sociais sendo dançada não mais apenas nas periferias ou guetos, mas também nos centros urbanos de cultura e lazer. Os dançarinos através de uma linguagem artístico-corporal estão dizendo algo por meio de seus corpos, lutando por um ideal e questionando o sistema de justiça social no qual estão inseridos.

A grande maioria das escolas públicas brasileiras apresenta em sua realidade estas diferenças sociais, por isso o Break pode sim ser um conteúdo significativo para os alunos, visto que além de desenvolvermos aspectos afetivos, cognitivos e motores estaremos debatendo e refletindo assuntos polêmicos, como a desigualdade social e os preconceitos relacionados a ela, sendo que estes fazem parte da vida em sociedade.

Aspectos metodológicos

O presente estudo se identifica com as características da pesquisa qualitativa, pois esta faz uso da interpretação e análise da realidade estudada buscando a compreensão do contexto da mesma de forma interpretativa. Para esta metodologia o ambiente estudado é um meio repleto de sentidos e significados que podem ser investigados e analisados.

Os autores Thomas; Nelson e Silverman (2007) explicitam

que “a pesquisa qualitativa [...] é realizada principalmente em ambientes do cotidiano, como escolas, ginásios, instalações esportivas, academias e hospitais.” Os autores também ressaltam o que foi citado anteriormente em que “[...] o aspecto mais importante da pesquisa qualitativa é o conteúdo interpretativo, e não o excesso de preocupação com o procedimento”, ou seja, a prioridade é o processo e não o produto final.

Também optamos por utilizar a metodologia de pesquisa-ação, no qual nos proporcionou a possibilidade de inserimos de forma participativa na produção de conhecimentos com os sujeitos, ou seja, com os alunos. A pesquisa-ação como nos mostra Thiollent (2005, p.16):

[...] é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Na pesquisa, estivemos envolvidos com os participantes, na aplicação das diversas possibilidades de ensino da Dança Folclórica e da Dança de Rua por meio dessa

metodologia coletiva, discutimos e refletimos sobre a produção de conhecimentos, que para Thiollent (2005, p.17):

Na pesquisa-ação os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas. Sem dúvida a pesquisa-ação exige uma estrutura de relação entre pesquisadores e pessoas da situação investigada que seja de tipo participativo [...].

Portanto, aplicamos a pesquisa em uma Escola Estadual do Município de Boa Ventura de São Roque - Paraná, tendo como sujeito alunos de 5ª e 6ª série dessa escola. Para realização da coleta de dados utilizamos como ferramenta de pesquisa um diário de campo, no qual anotamos todos os aspectos relevantes das aulas ministradas, sejam estes positivos ou negativos frente a aplicação do conteúdo. Também foi aplicada uma questão aberta para os alunos com o seguinte questionamento: "O que é dança para você?" Esta aplicada antes da realização das

aulas, para que os mesmos relatassem a visão que possuem sobre o conteúdo Dança na escola.

Em um segundo momento, aplicamos a questão aberta citada anteriormente e iniciamos as aulas com o conteúdo Dança, totalizando dez aulas sendo estas voltadas para o conteúdo específico Dança Folclórica e Dança de Rua e pautadas por uma práxis pedagógica⁴. Por meio da aplicação das aulas e a análise de conteúdo das respostas dos alunos nos possibilitaram subsídios para a discussão de resultados da pesquisa.

Os (des) caminhos perante o desafio

Iniciamos as reflexões, partindo da análise e interpretação da realidade na qual foi realizada a pesquisa. A primeira aula ministrada em sala teve como principal objetivo conhecer a visão que os alunos possuem do conteúdo Dança, para assim tentar identificar alguns fatores que poderiam dificultar ou facilitar o desenvolvimento das aulas. Para tal procedimento elaboramos uma questão aberta, em que os alunos escreveram o entendimento sobre Dança. As manifestações referentes a esse questionamento foram:

4 Utilizamos o termo "práxis" nesse trabalho para retratar a não dissociação da teoria e prática, ou seja, partimos do princípio que nenhuma teoria está desvinculada da prática e vice versa.

A dança é meu esporte favorito é o que eu mais gosto! (aluno da 5ª A).

Dança é um esporte, só que ao invés de usar bola, bambolê, corda é praticado com música e tem que mexer o corpo.[...] eu gosto de música, que eu me lembre nenhum professor trabalhou dança comigo (aluna da 5ª A).

A dança para mim é uma forma de se exercitar e mostrar o talento tanto na escola como no palco, para dançar precisamos fazer exercícios e decorar tudo na cabeça para não fazer errado em alguma apresentação (Aluna da 6ª A).

Dançar as vezes é bom as vezes é ruim, a dança é algo importante para aprender em bailes e em festas (Aluno da 6ª A).

Eu gosto um pouco de dança, para mim dançar é balançar, se exercitar e se divertir. Coisa mais boa é dançar! (Aluna da 6ª A).

Através da dança a pessoa mostra se ela é extrovertida ou tímida, expressa alegrias e emoções (Aluno 6ª A).

Bom para mim dança é criatividade (Aluna 5ª A).

Na primeira aula identificamos que a Dança é um conteúdo pouco trabalhado na Educação Física, seu ensino ainda esta focado apenas em reproduções coreográficas para apresentações em eventos escolares. O esporte é o conteúdo predominante nas aulas e através disso percebemos que para os alunos tudo é considerado esporte inclusive a Dança a qual não possui tal objetivo na escola.

Diante deste contexto, utilizamos na segunda aula alguns jogos rítmicos como forma de inserirmos o conteúdo, porém encontramos alguns obstáculos, um deles foi o espaço, visto que as turmas são grandes limitando a realização das atividades, outra dificuldade encontrada foi a falta de concentração e também a aceitação dos mesmos perante um novo conhecimento.

Por meio do diário de campo constatamos as seguintes observações:

Como fazer essa aula de dança na sala professora? A turma é grande não tem espaço! (Aluno 6ª A).

Eu acho melhor nos irmos ao campo jogar futebol! (Aluno 5ª A).

Quero aula prática aula na sala não é aula de Educação Física! (Aluna 6ª A).

Percebemos por estas falas o quanto a disciplina de Educação Física está vinculada as aulas fora da sala. Esta realidade esta estritamente associada a identidade que a Educação Física foi construindo através do tempo, ou seja, o que era determinado anteriormente por diferentes instituições sendo estas baseadas em modelos médicos, militares e esportivos, permitindo um esvaziamento de conteúdos.

Outro momento realizado neste trabalho foi a aplicação de mais uma aula em sala, após a exposição do conteúdo relacionado as danças folclóricas, conteúdo este escolhido porque faz parte da realidade desses alunos, que conforme Paraná (2008) propõe que o professor poderá desenvolver a vivência de uma dança próxima ao cotidiano de seu aluno, para depois realizar uma dança de acesso restrito a ele. Após discutir os aspectos históricos das danças folclóricas principalmente do “xote”, da “rancheira” e da “vaneira”⁵ discutimos com os mesmos sobre o assunto, expondo idéias e eventuais dúvidas como as que apresentamos a seguir:

A dança é importante só para quem quer se profissionalizar? (Aluno 5^a A).

Homem não dança? (Aluno 5^a A).

Eu acho que nós não dançamos porque temos muita vergonha (Aluna 6^a A).

Eu tenho muita vergonha! (Aluna 6^a A).

Diante destas respostas, percebemos os obstáculos que iríamos encontrar principalmente nas vivências das danças. Os mais evidentes seriam a timidez e alguns preconceitos principalmente no que tange a questão de gênero menina e menino.

Discutindo tais obstáculos, percebemos que os meninos ao serem questionados a justificarem o porquê da recusa a dançar, utilizam da timidez como principal justificativa, porém verificamos que eles apenas fazem desta um meio para não manifestarem os preconceitos embutidos nas relações “homem/dança, masculinidade/feminilidade”.

Ainda prepondera no discurso de muitos alunos a visão de que a dança é uma expressão exclusivamente feminina, mesmo vivendo em um país em que muitos grupos de dança são formados por homens como as danças de rua,

5 Danças folclóricas procedentes do Estado do rio Grande do Sul, que são bastante utilizadas no Município onde a pesquisa foi realizada como forma de lazer.

de salão, capoeira, entre outras, que não estão apenas relacionadas com a fragilidade e delicadeza da bailarina clássica, mas sim a força e a virilidade do homem brasileiro (MARQUES, 2007).

A partir da realidade encontrada e da análise de algumas literaturas, constatamos que uma das justificativas nas quais o professor não trabalha dança em suas aulas, é a falta de aceitação dos alunos especialmente do sexo masculino. Além disso, questões estruturais e falta de conhecimento específico em relação ao conteúdo Dança são evidentes em tal realidade.

Partindo destas análises e tomando como referencia o exemplo dado por Marques (2007) anteriormente, buscamos na dança de rua, no caso específico do Break, mostrar aos alunos a dança como uma atividade comum a ambos os sexos, ou seja, este conteúdo tinha o objetivo de “quebrar as barreiras” do preconceito de gênero, visto que o Break tem como principais adeptos representantes do sexo masculino.

Por meio de aula em sala expondo o assunto relacionado agora a dança de rua, oportunizamos aos alunos conhecer um pouco de uma dança a qual está um tanto quanto distante da realidade dos mesmos. Todos mostraram bastante interesse ao conhecer esta dança historicamente, ficando bastante

surpresos com os sentidos e significados desta manifestação da cultura Hip-Hop. Observamos algumas verbalizações por parte dos alunos:

Então esta dança pode ser considerada uma forma de protesto as injustiças na sociedade? (Aluno 5ª A).

Essa disputa na dança e não na briga é bem legal (Aluno 5ª A).

Ao analisarem alguns aspectos referentes ao Break, os alunos puderam compartilhar algumas idéias. Como relatamos anteriormente constatamos a importância de compreender que a dança foi utilizada por seus “criadores, atores sociais”, como uma mobilização grupal na busca de uma inclusão social, de uma vida digna para os jovens das periferias, assim esse modo de vida se opunha a violência tão presente na sociedade atual.

Apesar de alguns obstáculos encontrados ao ministrar a aula em sala - visto que a ênfase apenas na prática ainda perpetua na maioria das escolas - a aula foi produtiva e despertou o interesse dos alunos que ficaram ansiosos para produzir os conhecimentos nas vivências.

A aplicação da primeira aula foi marcada por acontecimentos similares em ambas as turmas, tais como:

- a) A separação meninos e meninas;
- b) Participação pouco efetiva das turmas;
- c) A turma na sua grande maioria apresenta grande dificuldade de coordenação nos movimentos, sendo que tais são compatíveis com seu nível de desenvolvimento motor;
- d) Timidez foi o principal obstáculo, ou desculpa para não participar;
- e) Preconceitos no que tange as questões de gênero.

Considerando que este foi o primeiro contato dos alunos com o conteúdo dança folclórica, percebemos que estes possuem muitas limitações, como podemos observar:

Queremos jogar bola professora! (Aluno 6^a A)

Deixa nós jogar bola, as meninas ficam na sala dançando (Aluno 5^a A).

O preconceito dos meninos em relação a dança, a considerando uma atividade tipicamente feminina, talvez tenha origem “no conceito errôneo da sociedade moderna que coloca a sensibilidade, fundamental ao trabalho criativo como uma característica feminina”

(NANNI, 2002). O professor deve mostrar ao aluno que a dança é uma arte composta por movimentos universais, comum a todos os povos e a expressividade libertada por meio dela é inerente a cada sexo.

É comum na atualidade a Educação Física e conseqüentemente a dança serem considerados sinônimos de “aula vaga”. Outra situação recorrente é esse conteúdo ser vivenciado na escola apenas nas festas juninas, ou outros eventos, este conteúdo é parte integrante do planejamento do professor e, portanto, deve ser vivenciado.

No decorrer das aulas a participação dos alunos que era um dos fatores mais preocupantes, passou a ter melhoras significativas. A cada aula aplicada presenciamos evoluções tanto no aspecto motor quanto na socialização. A preocupação dos meninos em estarem “perdendo tempo”, deixando de jogar futebol foi diminuindo e estes passaram a se interessar pela aula, principalmente quando iniciamos as vivências do Break, que conseguiu superar fragilidades iniciais.

As aulas de Break foram compostas por três fases a primeira contemplava a vivência de alguns passos, a segunda deu liberdade para que os alunos transformassem os passos vivenciados e a terceira foi a de criação e apreciação, em que os alunos em grupos criaram suas

próprias coreografias e apresentaram para a turma.

Descrivendo mais detalhadamente cada uma dessas fases percebemos que os alunos se sentiram capazes e praticamente todos desenvolveram a proposta da aula, apesar das dificuldades motoras, cada um dançou dentro de seus limites, “cada um fez a sua dança”.

No momento em que propusemos aos alunos formarem grupos e criarem suas próprias coreografias de Break a partir dos conhecimentos produzidos até então, sentimos realmente a importância de proporcionar ao aluno momentos de espontaneidade e liberdade de criação, para que este desenvolvesse seu potencial criativo. Diante deste contexto, lembramos o que Barreto (2008) enfatizou, nos mostrando que a escola não deve adotar uma metodologia para o ensino da dança que esteja focada apenas em cópias e repetições coreográficas, exigindo que os movimentos sejam executados de forma que todos estejam perfeitamente iguais inibindo a expressividade do aluno.

Considerações finais: eu danço, você dança, nós dançamos!

Após a aplicação das aulas, em conversa com os alunos e por meio de um relatório final desenvol-

vido pelos mesmos podemos constatar que a maioria compreendeu os objetivos do conteúdo Dança, valorizando os conhecimentos produzidos por meio da aplicação do mesmo nas aulas de Educação Física, essa idéia é confirmada por alguns relatos os quais podem exemplificar de forma mais consistente alguns objetivos alcançados:

Eu achei esplendido, porque eu não imaginava que a pessoa podia inventar passos para dançar! (Aluna 5ª A).

Eu achava que a dança era um obstáculo para mim, eu tinha vergonha porque não sabia dançar. Formamos um grupo com os meninos que quase nunca dançavam, não é querer se gabar, mas foi um “show” os “Free Boys” (nome escolhido por eles para o grupo) detonaram! (Aluno 6ªA).

Primeiro nós sentimos muita vergonha, mas depois a vergonha passou e nós até apresentamos uma coreografia, deu um “friozinho na barriga”, mas nós dançamos bem! (Aluno 5ª A).

Quando a professora falou em dança eu já pensei que era chato, mas quando dançamos daí percebi que era bem bom. Quando eu comecei a dançar eu era “duro”, não se mexia,

ficava só parado por causa da minha timidez. Comecei a dançar e minha timidez foi embora e daí ficou mais legal ainda, fizemos grupos criamos passos e apresentamos, foi muito legal! (Aluno 6ª A).

Eu não gosto de dança e não participei porque não gosto de dançar, mas eu gosto de jogar bola! (Aluno 5ªA).

Pela primeira vez a dança é muito legal! Pela primeira vez é muito legal dançar! (Aluna 5ªA).

Verificamos que por meio de métodos de ensino do conteúdo Dança, os quais sejam compatíveis com o nível de desenvolvimento do aluno e com sua realidade foi possível inseri-lo de forma significativa nas aulas. Sendo assim por meio das possibilidades metodológicas de ensino do conteúdo Dança utilizada nesta pesquisa observamos que na aplicação deste ou de qualquer outro conteúdo, precisamos valorizar as ações criativas e espontâneas dos alunos.

Nesse sentido, a aplicação de todo e qualquer conteúdo deve nortear uma prática pedagógica compatível com a realidade em que os alunos estão inseridos. Portanto, não buscamos por meio desta pesquisa revelar um “receituário” do

que seria o “ideal” na aplicação de aulas de Dança, mas sim mostrar que é possível oportunizar o aluno o acesso as mais diversas formas de conhecimento no processo ensino aprendizagem da Educação Física no ambiente escolar.

Constatamos que os objetivos do trabalho foram alcançados e que ao realizarmos diversas reflexões em relação ao conteúdo Dança nas práticas pedagógicas da Educação Física reconhecemos que há muito que superar no que se refere ao seu ensino, pois, por meio dos dados coletados na pesquisa nos permitiram pontuar a ausência de aulas deste conteúdo e conseqüentemente de métodos mais significativos para o trato com este conhecimento.

Nesse sentido, salientamos que o professor de Educação Física deve oportunizar o ensino deste conteúdo o qual é um dos temas da cultura corporal assim como o jogo, as lutas, o esporte e a ginástica deixando de lado o estereótipo de que seu único espaço de atuação são as quadras e que seu saber científico se limita somente ao ensino do esporte.

Referências

BARRETO, Débora. **Dança...: ensino sentidos e possibilidades**

- na escola.** 3. ed.- Campinas, SP, Autores Associados, 2008.
- BRACHT, V. Pesquisa em ação.
- BREGOLATO, Roseli Aparecida. **Cultura corporal da dança.** São Paulo: Ícone, 2000.
- MARQUES, Isabel A. **Dançando na escola** – 4ª. ed. - São Paulo: Cortez, 2007.
- NANNI, Dionisia. **Dança Educação – Princípios, métodos e técnicas.** Rio de Janeiro: 4ª edição: Sprint, 2002.
- _____. **Ensino da Dança.** Rio de Janeiro: Shape, 2003.
- OSSANA, Paulina. **Educação pela Dança.** São Paulo, Editora Summus, 1988.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. **Diretrizes Curriculares de Educação Física para a Educação Básica.** Curitiba, 2008. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diaadia/arquivos/File/livro_e_diretrizes/diretrizes_educacaofisica_2008.pdf.
- RANGEL, Nilda Barbosa Cavalcante. **Dança, Educação, Educação Física: Propostas de ensino da Dança e o universo da Educação Física-** Jundiaí, SP: Fontoura, 2002.
- SOARES *et al.* **Metodologia do Ensino de Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 2005.
- THOMAS, Jerry. R. NELSON. Jack K. SILVERMAN, Stephen J. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física.** Tradução de Denize Regina Sales, Márcia dos Santos Donelles. 5ª. edição. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- VILELA, Lilian Freitas. **O corpo que dança: os jovens e suas tribos urbanas.** Data da defesa: 27-11-1998. 248 folhas. Nível: Dissertação (mestrado) em Educação Física - Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física, Campinas, SP.
- Recebido: 10/fevereiro/2010.
Aprovado: 25/abril/2010.